

Carona, vilarejo planetário
Boubacar Diop*

Carona, minúsculo vilarejo da Suíça italiana, é tão remoto e de difícil acesso, que fiquei surpreso quando cheguei, ao descobrir um bar local¹ onde é possível se conectar à Internet. Não me privei. Consultei meu e-mail, enviei mensagens a alguns amigos nos quatro cantos do mundo e li os jornais de Dakar. Em seguida, sentei-me em uma mesa do Ristorante della Posta, a poucos metros dali. Enquanto esperava ser servido, dois alto-falantes alojados no teto difundiam o programa musical de uma estação de rádio. Em um dado momento, fiquei de orelha em pé, pois me pareceu ter ouvido o radialista da emissora pronunciar o nome de Youssou Ndour². Alguns instantes mais tarde, toca uma das recentes composições do cantor senegalês. Essa incrível astúcia do acaso me deixa a princípio um pouco indiferente. Contudo, com o passar dos segundos, eu tomo consciência de que aquele era um lugar pouco provável para um encontro com minha língua materna. É muito bizarro ouvir frases em wolof³, entrando em colisão com uma conversa em italiano de três clientes, todos senhores de meia idade que entravam em êxtase com as proezas do Lazio Roma⁴ ao tomar uma taça de vinho branco.

Dali a pensar que Carona é um vilarejo planetário, basta dar um passo, o que, aliás, estou realmente disposto a fazer. No entanto, sem dúvida, é preciso ir devagar com o andar. Não é todo dia que ouvimos dizer que Deus faz todas as músicas do mundo em Carona. Do mesmo modo, um acesso tão fácil à Internet em um vilarejo do Ticino⁵ de quinhentos habitantes podia muito bem ser apenas a exceção que confirma a regra. Fica claro, no entanto, que tudo isso que estava acontecendo é bem incomum. O fato ainda é que tais exceções são, nos dias de hoje, da ordem do possível. É um sinal do tempo e não podemos descartá-lo. Essas cenas mais ou menos deslocadas da vida cotidiana nos aproximam do mundo brilhante de nossos sonhos, um mundo que é ao mesmo tempo diverso e solidário, onde as identidades convivem sem medo.

No entanto, ainda é difícil começar uma conversa com o dono do restaurante. Roberto, é esse seu nome, nunca tinha ido à África, e eu acabava de pisar em Carona. Por isso tínhamos muitas coisas a dizer. Ele me contou a história de um porco chamado Charly, uma espécie de mascote do vilarejo. Ele passeava por todos os lugares sua massa de cem, duzentos quilos. Era acima de tudo o orgulho de seu proprietário, que o havia recebido como presente de casamento. Mas o animal, “e fez dele salame”, disse Roberto, e depois enviou uma carta anônima ao jornal da região, o Corriere del Ticino, para se vangloriar da falta grave que havia cometido. Essa história era, ao mesmo tempo, atroz e hilária. Dez anos depois ela arrancou risadas de Roberto, que finalmente concluiu: “É o tipo da coisa que só acontece nos pequenos vilarejos”.

As coisas ocorreram de modo diferente no bar local. A gerente, nativa de Zoug⁶, não falava uma palavra de francês. Seus penosos esforços para arrancar algumas frases que fariam uma ponte entre nós terminaram em um dar de ombros. Isso não me surpreende, afinal de contas estou na Suíça e em nenhum outro lugar. Apesar de seu grande número de políglotas, temos sempre a impressão de que esse é o único país do mundo onde falta a cada cidadão uma ou duas línguas.

Se não é a língua que cria um abismo entre os homens, a tecnologia, de bom grado, se encarrega de fazê-lo, à sua maneira frequentemente pernicioso. A Internet não é nada mais do que um local privilegiado para a difusão de teses racistas e revisionistas. Ela tende lentamente a se tornar a

forma mais moderna de calar-se. É cada vez mais comum, ao que parece, em inúmeras empresas, dirigir-se ao colega da frente por e-mail. É sabido que algumas pessoas são, por natureza, muito reservadas. Quem pode culpá-los por lançar mão da tecnologia multimídia para socorrê-los? Sabe-se também que, ao chegar em casa, várias pessoas ficam com o nariz colado na tela do computador, não encontrando tempo para conversar com seu cônjuge ou dizer 'bom dia' ao seu vizinho. Por vezes, no máximo resmungam para os seus filhos "vá brincar lá fora!" e fingem estar em contato com Karachi, São Paulo, São Francisco e outros lugares no fim do mundo.

No entanto, os especialistas começam a debochar desses internautas. Recentes estudos mostram que a imagem de intrépidos aventureiros, que eles buscam passar de si mesmos, não correspondem perfeitamente à realidade. Os navegadores das salas de bate-papo raramente ultrapassariam suas fronteiras nacionais. Em outras palavras: eles querem, acima de tudo, fazer compras na internet ou consultar a meteorologia e seus jornais locais preferidos. No fundo foi assim também a minha primeira matinê em Carona. De forma alguma eu me transporte para além do meu país, de sua música e de suas batalhas políticas, furiosas e enigmáticas, sobretudo quando vistas de longe. Resumindo, as voltas ao mundo não são mais o que eram. Elas te levam sempre a quem você é.

Hoje em dia, em que, teoricamente, é possível para qualquer ser humano saber muito sobre todas as sociedades, o encontro com o outro não deveria criar problemas. No entanto, o fato de que esse encontro permaneça tão difícil tem algo de perturbador. Uma das soluções, no fundo a mais evidente, é a troca cultural, ou seja, a possibilidade de se estabelecer diálogos em torno de visões singulares do mundo, que exprimem, no final das contas, questões universais. A cultura tem uma essência particularmente democrática na medida em que o fato de uma nação ser rica ou pobre pode não ser um fator decisivo. Ela talvez seja a última esfera da atividade humana onde ainda é permitido vislumbrar relações baseadas na equidade e no respeito mútuo.

Somente quem fala em troca fala em contato direto: a condição absoluta da circulação de bens culturais é a mobilidade dos artistas. No entanto, nem todo mundo o compreende assim. Nos países do Norte, assistimos há algum tempo a subida no poder de homens políticos cujos programas são de uma simplicidade sombria: manter os estrangeiros distantes.

O xenófobo se parece muito pouco com a caricatura que seus adversários fazem dele. Ele não tem rosto angular, testa estreita e olhar venenoso. É muito mais aterrorizante, uma vez que ninguém o distingue da pessoa comum. Cada eleição o conforta, porque ele diz bem alto o que a maioria pensa bem baixinho. Ele se reconhece como representante do povo silencioso, morno e quase petrificado do metrô. Ele diverte ou revolta por seus excessos verbais. Seu raciocínio, sempre digno de um perfeito filisteu, impede qualquer forma de discussão. Segundo ele, não é necessário que todas as nações fiquem incomodadas a pretexto da solidariedade humana. Assim, fazê-lo entender que as artes e as letras são um vetor de tolerância não adiantaria nada. O fato de países pobres ainda encontrarem força para rir e dançar à beira de um abismo o espanta. Mas isso não é problema dele: o que assusta é que todos esses artistas convidados para ir à Europa levem o sentido da amizade para além dos limites da tolerância, se recusando a voltar para casa. Os intelectuais o crucificam? Ele não se importa. Ele sabe que está envolvido num sutil teatro. Ele aceitou o papel de vilão perante adversários que se gabam de ter o espírito aberto. No final das contas, o resultado é o seguinte: em todo lugar na Europa as leis sobre imigração estão cada vez

mais conformadas à visão de políticos de extrema direita. É por isso que nos países do Sul não sabemos mais em qual Ocidente confiar. Naquele que abre seus braços em um grande gesto fraternal, ou naquele que fecha suas fronteiras?

Contudo, esse não é o único motivo de perplexidade, e até mesmo de cólera. Uma vez aberta a caixa de Pandora, constatamos, com angústia, que muito rancor se acumulou ao longo dos séculos. O Sul não se esqueceu totalmente do que aconteceu. No passado o Ocidente se interessava por suas civilizações. Daí a colonização, que, como nos lembra Césaire, não foi um encontro, mas um choque de extrema violência, e, sobretudo, um cataclismo cultural. Povos inteiros foram massacrados, privados de seus direitos e separados de si mesmos com desenvoltura. O equilíbrio desses povos foi atingido de forma tão durável que seus efeitos são sentidos vários anos depois. E uma vez que se trata de trocas culturais, como esquecer que os tesouros arrancados à força dos colonizados até hoje ornaram os museus da Europa?

Etnólogos e alguns exploradores queriam compreender diferentes povos. Não podemos suspeitar também que os filósofos das Luzes tenham tido más intenções quanto às civilizações que eles contribuíram para que melhor conhecêssemos e respeitássemos. Contudo, o único resultado de sua ação foi balizar a rota para missionários, mercadores e administradores coloniais. No momento em que idealistas tentam imaginar relações mais pacíficas entre o Norte e o Sul, multinacionais compram literalmente o terceiro mundo, através de privatizações, por preço desprezível. Esse pequeno passeio histórico mostra não apenas a que ponto as feridas do passado ainda estão vivas, mas evidencia também as razões do diálogo de surdos entre o Norte e o Sul. Vendo os outros à sua imagem, a Europa parte do princípio de que as identidades se confundem com nações homogêneas, mais ou menos alegres, mas definitivamente constituídas. O único problema é que a igualdade assim postulada não é vista em nenhum lugar. Se o assunto não fosse tão grave, o mal entendido faria rir, de tão burlesco que é.

O Ocidente tem todos os motivos para se sentir sereno. Aliás, um autor caricatamente comparou o Ocidente com um manso velhinho se aquecendo no sol em meio às flores de seu jardim. No auge de sua alegria, ele não vê que os pobres do terceiro mundo estão matando uns aos outros no fundo do abismo onde a escravidão e a colonização os abandonou. As guerras civis na África, Ásia e América Latina parecem desafiar todo tipo de racionalidade. Na realidade, do conflito da Caxemira⁷ à crise na região dos Grandes Lagos africanos, podemos facilmente encontrar a origem na colonização. Esses povos, ao contrário do Ocidente, buscam reencontrar sua identidade perdida e enfrentam grande dificuldade para se reerguerem do mal causado pela Europa do século XIX.

No entanto, a principal razão de todo esse embaraço talvez seja a mais simples: os interlocutores do Ocidente têm a sensação de não ter nada a aprender com a sua própria cultura. Ela está em todo lugar. Com suas línguas, seus bens de consumo, e até mesmo seus rituais, o Ocidente é o único que abre as portas para o sucesso pessoal. As favelas do Rio de Janeiro, de Youndé⁸ ou de Calcutá estão abarrotadas de milhares de antenas parabólicas voltadas para o céu, como milhares de mãos estendidas para o além, com o qual sonham noite e dia. Todos conhecem as cidades e os modos de vida desses países longínquos, assim como seus artistas e suas famosas celebridades do esporte. Reconhecemos todos os apresentadores da CNN ou dos canais europeus pelos seus tiques. Quem não tem vontade de escutar um artista de Nova Iorque contar sua vida cotidiana? Não seria inútil, pois poderia advertir os jovens africanos e asiáticos contra alguns clichês. Esses clichês são

exatamente a substância de seu sonho americano. É uma verdade terrível, mas se os privarmos disso, não restará nada além do desespero.

Por outro lado, o que se sabe sobre a África? Ela fica em uma terra incógnita para o Ocidente. Neste sentido, me vem à tona a seguinte anedota: tendo vagamente ouvido falar que estava acontecendo um genocídio na Ruanda, um senador do Arkansas quis saber um pouco sobre esse país. Alguém lhe disse que _cava perto do Zaire. Então o senador perguntou, com profunda perplexidade: “Mas onde fica o Zaire?”.

A imprensa ocidental se esforça para inverter essa tendência. Não é raro que um grande jornal envie um repórter até tal ou qual região do Sul para dar uma ideia mais precisa de sua situação política e social. Em geral, o jornalista tem consciência dos riscos de distorção aos quais se expõe e tem o cuidado de fazer corretamente seu trabalho. No entanto, o fato é simples: ele é frequentemente prisioneiro das perguntas que seus leitores fazem sobre os países do Sul. Ainda que ele seja consciente de que essas não são as perguntas certas, ele é obrigado a procurar respostas num curto prazo. No final das contas, os fatos relatados separadamente são exatos, mas o conjunto dá a impressão de não ter nada a ver com a realidade.

É verdade que essas reportagens almejam mostrar simples trechos de vida e evitam atordoar o leitor com pesadas análises. A relevância e a legitimidade dessas não estão em discussão. O que é preocupante é que elas são praticamente as únicas fontes de informação sobre a África. O cidadão médio dos países do Norte não tem nenhuma possibilidade de saber como os africanos expressam suas dificuldades. Também nada lhe permite entender as dinâmicas que estão ocorrendo no continente. Afinal, a imagem que o Ocidente recebe dos outros parece muitíssimo com seus preconceitos, a ponto de lhes induzir ao erro.

Neste sentido, percebe-se que as disparidades econômicas, de uma forma ou de outra, sempre voltam à tona. Elas parecem condenar ao fracasso todas as tentativas de aproximação entre o Norte e o Sul. Assim, torna-se evidente que o muro da incompreensão existe. Negá-lo seria irrealista. Acomodar-se seria suicídio. O instinto de sobrevivência da espécie impõe que combinemos diferentes sensibilidades. De cada lado da barreira, há homens e mulheres que não aceitam o mundo da forma como ele está. Eles sabem o que conduziu aos desastres e aos impasses do presente. Eles, conscientes da dificuldade do empreendimento, estão prontos a imaginar novas trajetórias. É por isso que a ideia de que toda mudança passa pela troca é provavelmente bem mais comum do que pensamos.

O ato constitutivo da UNESCO – justamente uma organização cultural em nível mundial – estipula: “como as guerras nascem no espírito dos homens, é no espírito dos homens que devem ser erguidas as defesas da paz”. Steinbeck quer dizer a mesma coisa quando vê nos conflitos armados “a prova de que a inteligência não rege as relações entre os homens”. Essa convicção não nasceu espontaneamente. De certo modo, os pensadores e artistas de todos os tempos, e de todos os países, nunca pouparam esforços para incrustá-la na consciência humana. Atualmente sabemos que toda cultura que vira as costas para os outros é uma ameaça para toda a humanidade. Foram necessárias duas guerras mundiais, o apocalipse nuclear de Hiroshima, inúmeros genocídios pavorosos e uma onda de purificações étnicas para que aqueles que se recusam a escutar o próprio ódio tenham finalmente uma chance – pequena e frágil, é verdade - de se fazer ouvir.

A julgar a partir das guerras civis recentes (Darfur, Costa do Marfim, Somália, República Democrática do Congo), a tarefa ainda é imensa. Pretender extirpar as raízes da violência pode parecer bem naïf. É uma tarefa colossal, continuamente reiniciada. Entretanto, ainda não encontramos nada melhor para prevenir guerras devastadoras. Os esforços, contudo, nunca são em vão, pois, na impossibilidade de mudar o mundo, de alguma forma eles promovem o bem.

As páginas dos jornais anunciam regularmente manifestações culturais, assim como somos convidados a escutar uma conferência sobre Miles Davis em Osaka, a visitar uma exposição sobre Vikings em Caracas, a participar de um concurso de haikais⁹ japoneses em Amsterdã ou a assistir a uma apresentação de dança de Shantala Shivaligappa¹⁰ no Teatro Abbesses de Paris. As opções são várias e às vezes nos levam a sonhar. É por isso que não temos o direito de zombar desses coquetéis de final de tarde ao longo dos quais se pode ouvir um poeta australiano evocar, com um nó na garganta, o dreamtime, os anos dourados de seu povo, o tempo que precedeu os bárbaros civilizadores. Se os ares mundanos desses coquetéis podem irritar ou incitar à ironia, pode-se ver aí também uma forma que os homens de boa vontade têm de se encontrarem uns com os outros. Esses são, por sua natureza, encontros cosmopolitas e é preferível que eles aconteçam do que nada.

Evidentemente, uma das questões que se levanta é a seguinte: o que sentirá um habitante de Copenhague quando lhe for explicado o uso de trompas de caça de marfim do Tibete antigo? O que podem significar alguns objetos ritualísticos para um visitante que acabou de descer do trem depois de um dia extenuante de sua vida, do qual não entendeu absolutamente nada? É uma questão de nostalgia e não é proibido pensar que ela se relaciona com uma existência anterior. Em cada ser humano, o desejo do longínquo, que pode também ser a infância, está sempre dormindo com um olho aberto.

Esse diálogo mudo consigo mesmo, por meio de outra cultura, é um momento rico em ressonâncias interiores propriamente extraordinárias. Ele não tem nada em comum com o frisson exótico e vulgar do qual se nutre o turista. Este, somente consente dar alguns passos fora de si mesmo para se convencer da superioridade de seu modo de vida e de seu sistema de valores. De tanto avaliar tudo aquilo que vê a partir de sua visão de mundo, ele dá a impressão de ter os olhos atrás da cabeça e acaba corrompendo tudo. O exercício é legítimo, porém só tem o mal de pretender dar um impulso em direção ao outro, mas não o fazer. Em geral, os turistas que escolhem ir ao Quênia querem ver gorilas e não quenianos. É uma pena, mas é assim. É significativo que alguns países do Sul tenham buscado promover, há alguns anos, um turismo dito “cultural”, para dar às suas viagens organizadas um mínimo de senso humano. O conceito foi logo esvaziado pelos imperativos de rentabilidade. Mesmo assim, ainda resta no conceito uma homenagem do vício à virtude.

Essa homenagem vale um reconhecimento implícito de que a cultura é sempre o caminho mais curto de um povo a outro.

Os romances e os filmes não somente são de mais fácil acesso que tratados de sociologia, como também permitem penetrar mais profundamente numa sociedade humana. Quando, para além do espetáculo que ele veio apresentar, o dramaturgo tem a oportunidade de se dirigir a um público estrangeiro, ele pode transmitir uma visão mais exata do que acontece em seu país. Fazendo isso,

numerosos artistas, perseguidos por déspotas, puderam chamar a atenção do mundo para as violações dos direitos humanos. Mesmo quando fora de seus países, os artistas mostram a maneira como as pessoas vivem nos bairros populares, eles acabam ajudando a corrigir preconceitos. No mais, face às ditaduras, uma determinada forma de expressar as preocupações cotidianas das pessoas simples pode, com frequência, se revelar mais subversiva que as grandiosas petições ideológicas. O essencial é a fala mútua: o terror só desabrocha no silêncio. O nigeriano Wole Soyinka, prêmio Nobel de literatura, não pôde impedir o odioso enforcamento do escritor Ken-Saro Wiwa¹¹ e de seus oito colegas, mas contribuiu muito para o retorno de seu país a um mínimo de normalidade democrática. Essa oportunidade decorre também do que denominamos frequentemente, e com cara de desprezo, mundialização.

A existência de uma opinião pública internacional consciente de sua força é um fenômeno novo. Isso significa que um pintor ou um escritor tem mais chances de se tornar mundialmente conhecido do que há alguns anos atrás. É difícil saber se devemos nos alegrar ou nos entristecer com isso. Para alguns, o consumo em massa de produtos culturais é, por princípio, suspeito. Outros, ao contrário, vêem nisso um símbolo de uma democratização que serve para o melhor e para o pior.

Por não conceder à produção cultural os meios que ela precisa, os Estados deixaram o caminho livre para as multinacionais. Estas não se incomodaram em organizar uma espécie de feira mundial de almas, apoderando-se das formas de expressão artísticas rentáveis e deixando para os Estados aquelas cinicamente julgadas contraproducentes. Pouco preocupados com requinte, os industriais buscaram, sobretudo, homogeneizar os gostos em escala planetária. O que resultou, por exemplo, na morte por asfixia dos cinemas nacionais. Na era das superproduções, o talento do diretor não é mais completamente necessário à carreira de um filme. É valorizado um cinema com receitas prontas, que parte do princípio de que os espectadores são grandes crianças que devem ser maravilhadas. O mesmo acontece com o que chamamos de world music. A diferença é que aqui as facilidades de difusão são tais, que o músico deve compor de modo a agradar públicos diversos. É necessário que ele não se distancie demais de suas raízes, mas tampouco se deixe atravancar por elas. Não se trata tanto de grande arte. Trata-se de fazer girar a indústria cinematográfica ou musical. Se a comparação não fosse indelicada, falaríamos de produtos culturais nutridos por hormônios, à semelhança de certas aves de triste reputação¹².

Na Europa, certos setores da opinião estão cientes do perigo. Isso se traduz por reações muito violentas contra os Estados Unidos, que se revela como o país pelo qual o escândalo chega. Deste combate levado a cabo por intelectuais de renome resultou uma maior atenção dos Estados europeus à cultura. No entanto, os governos têm sempre um pouco de dificuldade em dar à cultura o lugar que ela merece. Para os políticos, os artistas têm sempre o defeito de trabalhar para a posteridade, distante do fim das suas necessidades eleitorais.

A situação é naturalmente pior no Sul. Sufocados por insuperáveis dificuldades, os países em desenvolvimento consideram a cultura como um luxo. Eles simplesmente não podem se permitir subvencionar trupes de teatro ou editoras. E se a era em que mandávamos sistematicamente intelectuais para a prisão passou, ainda não estamos a ponto de lhes ajudar a criticar o poder estabelecido. Não basta, contudo, dizer que o Sul não tem como alcançar suas ambições no âmbito da cultura e da educação. É preciso, sobretudo, saber que não lhe é nem mesmo permitido destinar

recursos substanciais à cultura. Os raros países que tentaram fazê-lo, em uma espécie de aposta quase desesperada no futuro, viram outros tomadores de decisão do Norte – os senhores do Banco Mundial – franzir as sobrancelhas com um ar severo e os ameaçar de morte por estrangulamento. O resultado bastante incômodo de toda essa história é que, se o Norte não financia a amizade entre os povos tanto em seu território quanto no estrangeiro, nada jamais acontece. É por isso que o eixo de cooperação cultural Sul-Sul é tão fraco, até mesmo inexistente.

Vários artistas destes países podem atravessar as capitais do Norte e se apresentarem ali em salas mais ou menos prestigiosas sem praticamente nunca ter a oportunidade de trocar experiências com artistas africanos ou asiáticos. Quando isso acontece na África ou, com muito mais frequência, na Europa, é sempre graças aos subsídios desta última. É impossível organizar um salão do livro em Abidjan¹³ ou uma exposição de arte contemporânea em Dakar sem a intervenção de patrocinadores como a União Européia ou qualquer outro país desenvolvido. Muitos escritores e cineastas do Sul julgaram ser mais simples se instalar em Londres, Paris, Nova Iorque ou Genebra para melhor gerir sua carreira. Isso resultou numa situação paradoxal em que um escultor talentoso e venerado no estrangeiro é quase totalmente desconhecido em seu país. Ao longo do caminho, ele acaba perdendo todo contato com as fontes de inspiração do início de sua carreira. Do ponto de vista artístico, os estragos podem ser consideráveis. Se a censura política ou um sistema de distribuição inadequado impedem vistos para intelectuais e artistas da África francófona. A razão dessa generosidade veio rapidamente à luz: era preciso represar o movimento de pesquisadores africanos em direção às universidades americanas, e, logo, em direção à língua inglesa. Dentro da lógica dos tomadores de decisão da francofonia, era chocante e, na verdade, politicamente incorreto. É relativamente claro que se espera dos países do Sul uma aliança contra os Estados Unidos que, seguramente, faz de tudo para unir o universo inteiro contra ele. Alguns falam de diversidade cultural entoando seu grito de guerra: “Todos contra o Tio Sam”. As coisas, no entanto, não podem ser tão simples assim. Há uma certa arrogância em querer fazer, por exemplo, dos africanos francófonos uma força complementar contra os Estados Unidos, baseando-se em uma língua que os aproxima de seu antigo colonizador mas os separa dos outros africanos. Mesmo assim esse é um problema para o qual é preciso encontrar uma solução.

Nossos Estados teriam certamente uma postura melhor se seus governantes tivessem, a despeito da falta de meios, discernimento suficiente para perceber os objetivos estratégicos da cultura. Trata-se de antes de ir ao encontro dos outros tomar o cuidado de “guardar nossas almas em um lugar seguro”. Esse conselho, do romancista Cheikh Hamidou Kane data de mais de 40 anos atrás, e nunca foi tão atual. Não se pode esperar de nenhum Estado que ele tenha intenções muito puras.

De certo modo, a troca cultural deveria ser um negócio apenas de artistas. Eles ainda têm a força de serem naïfs. São menos maniqueístas. Todo artista digno desse título admite com facilidade que a qualidade reside, sobretudo, na diferença e que as realizações culturais devem refletir a alma dos povos, e não as tendências do mercado. A produção em série, de maneira sempre mais desenvolvida – e perigosa – para dar mais lucro, provém tanto do desprezo pelos homens quanto pela natureza.

Cada um certamente percebeu, graças aos debates sobre a mundialização, um tipo de respeito que beira a fascinação por tudo que é antigo e artesanal. A briga entre o Roquefort e o Burger King é uma variação da eterna luta entre o Bem e o Mal. Trata-se na verdade menos de alimentação do que de cultura. Talvez seja por isso que às vezes os encontros culturais nos lembram rituais

mortuários. Neles, celebramos objetos que, por não terem mais nenhuma utilidade prática, parecem condenados a desaparecerem, ou seja, condenados ao esquecimento. No entanto, o que é precioso, um elogio ao valor artístico puro, uma maneira de saudar o que é gratuito e supérfluo, em reação a uma mundialização que reduz a criação a uma vulgar imitação musical ou literária, destrói a identidade dos povos e nivela as sensibilidades por baixo.

Talvez haja ainda outro perigo: a nostalgia do passado pode nos levar a esquecer que a cultura é a expressão de uma realidade humana em movimento. O ponto nevrálgico, a partir de então: obras de vanguarda orientadas em direção ao futuro? Existem artistas ainda bastante orgulhosos por abrir caminhos. Conhecidos por raros iniciados, eles merecem serem ouvidos. Com eles, tudo parece possível. Eles são tão livres que não têm mais o senso do real. Além disso, é bem simples: eles não se consideram nem do Norte nem do Sul. Convencidos de que nunca existiram outros homens antes deles, eles são libertos de todos os preconceitos. Sua atração pelo que é virgem, pela ausência e pelo vazio faz deles autênticos mutantes. No entanto, mesmo com eles, o jogo ainda não está ganho. É que nada do que é humano é simples. O tempo em que o estrangeiro passará despercebido em qualquer lugar ainda não chegou.

Por muito tempo eu me lembrarei daquela voz de trovão exclamando “Buon giorno, signore!” que me acolheu assim que abri a porta do Ristorante della Posta, em Carona. Ele era caloroso de um jeito bem meridional, ou seja, sem fingimento. Embora de forma discreta, minha chegada certamente provocou uma emoção. No entanto, a palavra sabe traçar seu caminho entre os humanos. Basta ser como Mandela na ilha Robben, um sentinela do amanhecer. É uma questão de paixão e de paciência. Em Carona, terminei escutando a verdadeira história do porco Charly. E ele, Roberto, está coberto de razão: essas coisas também acontecem no meu país. Bastava dizê-lo.

*Boubacar Diop é um dos maiores escritores e intelectuais africanos da sua geração. Recebeu o Grande Prêmio da República do Senegal de Literatura por seu romance *Les tambours de la memoire*, publicado em 1990.

¹ Optou-se por traduzir *bureau de tabac* por *bar local*. Trata-se de pequeno estabelecimento comum na França, assim como na Suíça, que equivale a um pequeno bar, onde se pode, também, comprar cigarros e jornais. (Nota do tradutor)

² Youssou Ndour é um célebre compositor, intérprete e músico senegalês. (NT)

³ Principal dialeto do Senegal. (NT)

⁴ Time de futebol italiano chamado *Società Sportiva Lazio*, localizado na cidade de Roma. (Nota do editor)

⁵ Cantão suíço itálico. (NT)

⁶ Pequena cidade suíça situada no Cantão Zug. (NT)

⁷ O conflito na Caxemira se refere à disputa territorial entre a Índia e o Paquistão (e entre a Índia e a China), pela Caxemira, a região localizada ao extremo noroeste do subcontinente indiano. (Nota do editor)

⁸ Capital da República dos Camarões. (NT)

⁹ Haikai: poema lírico japonês. (NT)

¹⁰ Famosa dançarina indiana, especializada no estilo Kuchipudi, nasceu em Madras (Índia) e foi criada em Paris. (NT)

¹¹ Ken-Saro Wiwa (1991-1995), foi escritor e ativista político, líder da minoria Ogoni e mártir da causa ambiental e dos direitos humanos. Foi preso em 1994 por uma campanha não-violenta contra a degradação ambiental das terras e das águas da região pelas petrolíferas transnacionais, especialmente a Shell, tendo sido julgado e condenado ao enforcamento em 1995 pelo governo Nigeriano. (NT)

¹² O autor se refere ao escândalo dos frangos alimentados com hormônios na década de 1990 na Europa. (NT)

¹³ Abidjan é a maior cidade da Costa do Marfim. (NT)